

A CONTRIBUIÇÃO METODOLÓGICA DE MAX WEBER PARA A PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Marlon Tomazette*

Resumo

Max Weber foi um dos principais responsáveis pela adoção de uma metodologia própria para as ciências sociais, uma metodologia que leva em conta o objeto particular das ciências sociais- as ações humanas. Dentro dessa concepção, ele contribui de modo fundamental, pugnando o método compreensivo para as ciências sociais, pelo qual não se busca apenas a explicação do aspecto exterior do fenômeno observado, mas a compreensão de seu sentido profundo. Para se chegar a essa compreensão, é fundamental lançar mão de uma análise da realidade a partir de tipos ideais que representam esquemas conceituais, nos quais são exacerbadas certas características do fenômeno concreto, para permitir a comparação com a realidade empírica de modo mais objetivo e científico. Em toda essa análise, há que se guardar certo distanciamento em relação aos valores do pesquisador, a chamada neutralidade axiológica, que não deve ser entendida como total separação dos valores, uma vez que não há como fazer ciência, sem que essa prática esteja impregnada pelos valores do pesquisador.

Palavras-chave: Max Weber. Metodologia. Ciências sociais. Método compreensivo. Tipos ideais. Neutralidade axiológica.

* Mestre em Direito pelo Uniceub. Procurador do Distrito Federal. Professor de Direito Comercial do Uniceub. Professor de Direito Comercial da Escola Superior do Ministério Público do Distrito Federal. Advogado

Revista *Universitas Jus*, Brasília, vol. 17, jul./dez. 2008.

1 Introdução

O presente trabalho tem por objeto a análise das contribuições metodológicas de Max Weber para a pesquisa em ciências sociais, em especial, de método compreensivo para a Sociologia, o sistema de tipos ideais¹ e a neutralidade axiológica. Tais contribuições não são imunes às críticas, mas todas têm seu valor na pesquisa em ciências sociais e é esse valor que se busca ressaltar por meio do presente estudo. A pesquisa levará em conta obras escritas pelo próprio Weber e obras de estudiosos que se dedicaram a analisar o pensamento weberiano.

As contribuições de Max Weber se inserem historicamente em fins do século XIX e início do século XX, sendo fundamental situá-lo na história. Nesse período, as primeiras disputas sobre a metodologia das ciências sociais começavam a surgir na Europa, criando-se um movimento que buscava fazer uma clara separação entre as ciências naturais, que já gozavam de alto nível de desenvolvimento e as ciências sociais, ainda em desenvolvimento. Assim, é fundamental para o trabalho apresentar as diferenças conceituais entre as ciências da natureza e as ciências do espírito.

Feita a distinção quanto ao objeto, é oportuno esclarecer a importância do método tanto para as ciências naturais quanto para as ciências sociais, destacando-se o movimento que buscava apresentar um método próprio para as ciências. É nesse movimento que devem ser inseridas as contribuições de Max Weber.

¹ O tipo ideal é apenas um dos tipos da teoria weberiana, mas corresponde ao tipo de maior racionalidade e, por isso, será o objeto de estudo.

Partindo da separação metodológica entre as ciências naturais e sociais, serão apresentadas as contribuições de Weber para a metodologia das ciências sociais.

Inicialmente será apresentado o método compreensivo propugnado por Weber como o ideal para as ciências sociais, em contraposição ao método explicativo que seria o ideal para as ciências naturais. Na compreensão se buscaria o entendimento profundo das questões e não apenas sua explicação exterior, como seria suficiente nas ciências naturais.

Para se chegar a essa compreensão profunda, Weber lança mão do sistema de tipos ideais, que seria um esquema conceitual apto a permitir uma pesquisa com rigor científico. O sistema de tipos ideais é apresentado como uma ferramenta metodológica fundamental no pensamento de Weber, pois é a partir desse sistema que se poderão fazer comparações com os fatos concretos e realizar uma pesquisa adequada.

Por derradeiro, será apresentada a neutralidade axiológica com um dos imperativos da pesquisa científica. Ressalte-se, desde já, que esse imperativo não pode ser interpretado de forma exacerbada, devendo ser analisado de acordo com a realidade, na qual sempre há a atuação dos valores.

2 Max Weber: vida e obra

Para que se possa melhor analisar as contribuições de Max Weber, é fundamental situar suas contribuições historicamente; vale dizer, é fundamental saber em que contexto suas contribuições vieram à tona. Para tanto, é oportuno apresentar uma breve biografia do autor.

Max Weber nasceu em 21 de abril de 1864 na cidade de Erfurt, Turíngia, localidade situada no que correspondeu à Alemanha Oriental até a

Revista *Universitas Jus*, Brasília, vol. 17, jul./dez. 2008.

queda do muro de Berlim. Filho de uma família da alta classe média, Weber encontrou em sua casa uma atmosfera intelectualmente estimulante. Seu pai era um conhecido advogado, tendo também sido primeiro Conselheiro e depois membro do Parlamento de Deputados Prussiano e, desde cedo, orientou-o no sentido das humanidades. Sua mãe era de classe social burguesa, não exercendo qualquer atividade fora do lar e possuindo forte formação protestante².

Weber recebeu excelente educação secundária em línguas, história e literatura clássica. Para o curso superior ele escolheu Direito como o pai, sem deixar de ampliar seus conhecimentos estudando História, Economia e Filosofia. Em 1882, começou os estudos superiores em Heidelberg, continuando-os em Göttingen e Berlim. Ele teve sua formação intelectual no período em que as primeiras disputas sobre a metodologia das ciências sociais começavam a surgir na Europa, sobretudo em seu país, a Alemanha³.

Concluído o curso, trabalhou na Universidade de Berlim, na qualidade de livre-docente, ao mesmo tempo em que servia como assessor do governo. Em 1893, casou-se e, no ano seguinte, tornou-se professor de Economia na Universidade de Freiburg, da qual se transferiu para a de Heidelberg, em 1896. Dois anos depois, sofreu sérias perturbações nervosas que o levaram a deixar os trabalhos docentes, só voltando à atividade em 1903, na qualidade de co-editor do Arquivo de Ciências Sociais, publicação extremamente importante no desenvolvimento dos estudos sociológicos na Alemanha. A partir dessa época, Weber somente deu aulas particulares, salvo em algumas

² AMORIM, Aluizio Batista de. *Elementos de sociologia do direito em Max Weber*. Florianópolis: Insular, 2001. p. 29.

³ *Ibidem*, p. 36.

ocasiões em que proferiu conferências nas Universidades de Viena e Munique, nos anos que precederam sua morte, em 1920⁴.

3 Ciências sociais x ciências naturais

Situando-se as contribuições de Weber historicamente no momento em que se debatia uma metodologia própria para as ciências sociais, em oposição à metodologia das ciências naturais, é certo que é fundamental fazer a distinção entre esses dois grupos de ciências. Todavia, é certo também que, apesar da distinção, ambas têm traços em comum na medida em que representam conhecimentos científicos.

Na sociedade humana existem várias formas de conhecimento, cada qual com o seu valor. Um mesmo objeto ou fenômeno pode ser observado por um cientista e por um homem comum, os quais terão visões diferentes do mesmo objeto ou fenômeno. O primeiro será levado a um conhecimento científico e o segundo será levado a um conhecimento popular. O que irá diferenciar os conhecimentos de cada um é a forma de observação⁵.

A ciência não é o único caminho para se ter acesso ao conhecimento e à verdade, mas é um dos mais importantes, construindo-se contra o senso comum⁶. A hegemonia do conhecimento científico decorre, sobretudo, dos frutos do seu desenvolvimento, isto é, do que ele já fez e permite fazer. Existem vários tipos de conhecimento, mas nos interessa aqui apenas o

⁴ AMORIM, Aluizio Batista de. *Elementos de sociologia do direito em Max Weber*. Florianópolis: Insular, 2001. p. 36-44.

⁵ LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991. p. 78.

⁶ SANTOS, Boaventura de Souza. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003. p. 54.

conhecimento científico, que é o produzido pela investigação científica, por meio de seus métodos.

Pode-se entender por ciência⁷ “uma sistematização de conhecimentos, um conjunto de proposições logicamente correlacionadas sobre o comportamento de certos fenômenos que se deseja estudar”.⁸ Trata-se de um conjunto de práticas dotadas de certas virtudes⁹ que permitem o conhecimento de certo objeto que pode ser submetido à verificação. O que torna o conhecimento científico distinto dos demais é a sua verificabilidade.

Pela complexidade do fenômeno “ciência”, foi oportuno estabelecer divisões entre as ciências, reunindo-as em grupos. Das várias classificações já levadas a cabo, uma merece maior destaque, qual seja, aquela que distingue ciências sociais ou ciências do espírito e ciências naturais ou da natureza.

As ciências sociais ou ciências do espírito se caracterizariam, sobretudo, pela identificação do sujeito e do objeto, isto é, “o objeto das ciências sociais são seres humanos, agentes socialmente competentes, que interpretam o mundo que os rodeia para melhor agirem nele e sobre ele”.¹⁰ Nas ciências do espírito, sujeito e objeto são idênticos, já que o homem estuda a si mesmo, em contraposição às ciências naturais que “estudam um objeto que lhe é exterior, como por exemplo, astros, planetas, oceano, animais”.¹¹

⁷ Não se pretende aqui formular um conceito definitivo de ciência, mas apenas ter um referencial para o estudo que se pretende realizar.

⁸ LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991. p. 80.

⁹ SANTOS, Boaventura de Souza. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003. p. 56.

¹⁰ *Ibidem*, p. 57-58.

¹¹ AMORIM, Alúzio Batista de. *Elementos de sociologia do direito em Max Weber*. Florianópolis: Insular, 2001. p. 60.

Além disso, as ciências sociais se caracterizam também pela unidade inseparável dos julgamentos de fato e de valor e pela necessidade de compreender a significação vivenciada dos fatos sociais, enquanto as ciências da natureza podem se limitar a uma explicação exterior dos fenômenos. Nas ciências sociais, não basta explicar os fatos, é essencial compreendê-los. Não é suficiente a explicação exterior, é essencial a compreensão do significado cultural do objeto¹².

Tal distinção é extremamente relevante, na medida em que permite a reunião em dois grandes grupos das várias realidades que representam o conhecimento científico. Todavia, não se pode falar em um afastamento total entre as ciências naturais e as sociais, que cada vez mais se aproximam. Os objetos continuam distintos, mas o que os une “é mais importante no plano epistemológico do que os separa”.¹³ Assim, a distinção deve ser tomada como mecanismo para facilitar a análise das questões inerentes ao conhecimento científico, sobretudo do método.

4 Um método próprio das ciências sociais

Todas as ciências, sejam elas naturais ou sociais, caracterizam-se pela utilização de métodos científicos, mas nem tudo que emprega métodos pode ser considerado ciência. O método é o caminho para se chegar a determinado fim. Assim sendo, o método científico é o caminho para se chegar ao conhecimento científico. Em outras palavras, o método é

¹² AMORIM, Aluizio Batista de. *Elementos de sociologia do direito em Max Weber*. Florianópolis: Insular, 2001. p. 61.

¹³ SANTOS, Boaventura de Souza. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003. p. 69.

O conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros – traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista.¹⁴

O método científico representa a forma de observação dos objetos escolhidos que permite chegar ao conhecimento científico. Como já ressaltado, é essa forma de observação do objeto que diferencia os vários tipos de conhecimento, isto é, é o método que permite, em última análise, distinguir o conhecimento científico do conhecimento vulgar.

Muitos pensadores do passado manifestaram a aspiração de definir um método universal aplicável a todos os ramos do conhecimento. Na busca desse método universal, nada mais lógico do que optar pelo método que era usado pelas ciências que já possuíam um mais alto grau de desenvolvimento. Dentro dessa perspectiva, o caminho seguido foi a adoção dos métodos das ciências naturais também para as ciências sociais.

As ciências naturais já haviam alcançado um alto grau de desenvolvimento, que era sentido pela comunidade científica em geral, tendo em vista, sobretudo, as grandes mudanças ocorridas no mundo, concretizadas nas radicais transformações da vida material do homem e operadas pela Revolução Industrial. As ciências da natureza constituiriam o modelo de toda cientificidade, de modo que se poderia identificar os objetos numa indiferença axiológica total, devendo ser desprezados os processos das ciências humanas que não coincidissem com os processos das ciências da natureza¹⁵.

¹⁴ LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991. p. 83.

¹⁵ AMORIM, Aluízio Batista de. *Elementos de sociologia do direito em Max Weber*. Florianópolis: Insular, 2001. p. 64.

O Positivismo (como era chamada a tendência teórica que pugnava pela identidade fundamental entre as ciências exatas e as ciências humanas) tinha suas origens, sobretudo, na tradição empirista inglesa que remonta a Francis Bacon (1561-1626) e encontrou expressão em David Hume (1711-1776), nos utilitaristas do século XIX e em outros. Nessa linha metodológica de abordagem dos fatos humanos, seriam colocados Augusto Comte (1798-1857) e Émile Durkheim (1858-1917), este considerado por muitos como o fundador da Sociologia como disciplina científica.

Tal postura, todavia, gerou uma reação que pode ser denominada de antipositivista. Esta tendência era adepta da distinção entre ciências humanas e ciências naturais¹⁶ e tinha como representantes, sobretudo, os neokantianos Wilhelm Dilthey (1833-1911), Wilhelm Windelband (1848-1915) e Heinrich Rickert (1863-1936), vinculados ao idealismo dos filósofos da época do Romantismo, principalmente, Hegel (1770-1831) e Schleiermacher (1768-1834). Ao fim do século XIX e primeiras décadas do XX, no entanto, as ciências sociais são desafiadas a libertarem-se do “naturalismo”, da epistemologia oriunda das ciências naturais.

Dilthey estabeleceu uma distinção entre explicação e compreensão. A primeira seria característica das ciências naturais, que procuram o relacionamento causal entre os fenômenos. A compreensão seria o modo típico de proceder das ciências humanas, que não estudam fatos que possam ser explicados propriamente, mas visam aos processos permanentemente

¹⁶ AMORIM, Aluizio Batista de. *Elementos de sociologia do direito em Max Weber*. Florianópolis: Insular, 2001. p. 64.

vivos da experiência humana e procuram extrair deles seu sentido, isto é, a compreensão seria a captação do profundo¹⁷.

Rickert também foi defensor da idéia de que as ciências sociais e as ciências naturais têm métodos diferentes de abordagem de seus respectivos objetos. Ele apresenta o método nomotético, que seria o utilizado pelas ciências da natureza, e “estuda as leis que são aplicáveis ao universo do fenômeno a ser estudado”.¹⁸ Já para as ciências sociais, não haveria a identidade dos fenômenos naturais, vale dizer, cada fato social, histórico ou cultural é único, singular. Daí a necessidade de outro método, o método idiográfico, pelo qual “os valores, como uma espécie de rede de malha fina, é que vão nos permitir colher do acontecer infinito, aqueles fatos (grandes, médios ou pequenos), que devem ser considerados importantes”.¹⁹

Dilthey e Rickert não foram cientistas sociais, no sentido que a expressão ganharia no século XX. Outros levaram o método da compreensão ao estudo de fatos humanos particulares, constituindo diversas disciplinas compreensivas. Na Sociologia, a tarefa ficaria reservada a Max Weber.

Essa reação antipositivista cristalizou o entendimento no sentido da peculiaridade do fato humano que, por isso, necessitaria de uma metodologia própria. Essa metodologia deveria levar em consideração o fato de que o conhecimento dos fenômenos naturais é um conhecimento de algo externo ao próprio homem, enquanto nas ciências sociais o que se procura conhecer é a própria experiência humana, uma vez que, em ciências sociais, sujeito e objeto se confundem.

¹⁷ LOPES, Ana Maria D'Ávila. A hermenêutica jurídica de Gadamer. *Revista de Informação Legislativa*, Brasília, ano 37, n. 145, p. 101-112, jan./mar. 2000.

¹⁸ AMORIM, Aluizio Batista de. *Elementos de sociologia do direito em Max Weber*. Florianópolis: Insular, 2001. p. 65.

¹⁹ *Ibidem*, p. 66.

De acordo com a distinção do próprio objeto, pode-se apresentar uma série de contrastes metodológicos entre os dois grupos de ciências. As ciências naturais procuram obter dados mensuráveis e regularidades estatísticas que levem à formulação de leis de caráter matemático. As ciências sociais não visam a atingir generalidades de caráter matemático, ao contrário, dizendo respeito à própria experiência humana, elas procurariam descrições qualitativas de tipos e formas fundamentais da vida do espírito.

Tais distinções não representam um afastamento total entre as ciências naturais e as sociais, que cada vez mais se aproximam. Modernamente, tal aproximação dá-se, inclusive, no sentido inverso, no sentido da hegemonia das ciências sociais sobre as naturais²⁰, isto é, as ciências naturais se aproximam cada vez mais das sociais e é previsível, em futuro não muito distante, dissolverem-se nelas. Entretanto, não se trata de valorar, agora, as ciências humanas como superiores às naturais, isto é, a hegemonia daquelas significa apenas que seus modelos hermenêuticos serão cada vez mais usados pelas próprias ciências da natureza.

5 A contribuição metodológica de Max Weber para as ciências sociais

Dentro da concepção que realizou uma separação do método das ciências naturais e das ciências sociais, algumas das contribuições mais relevantes foram dadas por Max Weber, sobretudo, ao defender o método compreensivo para as ciências sociais, a construção de tipos ideais para a realização das pesquisas e a neutralidade axiológica. Ressalte-se, desde já, que para a análise dessas contribuições, deve-se entender que no momento

²⁰ SANTOS, Boaventura de Souza. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

Revista *Universitas Jus*, Brasília, vol. 17, jul./dez. 2008.

que suas contribuições vieram à tona, havia uma certa tendência de considerar as ciências naturais como superiores às ciências sociais. Assim sendo, suas contribuições vieram de certo modo como uma oposição a tal tendência.

5.1 Explicação e compreensão

Weber concebe a Sociologia como “uma ciência que pretende compreender interpretativamente a ação social e assim explicá-la causalmente em seu curso e em seus efeitos”.²¹ O objeto da Sociologia seria pois, a captação da relação de sentido das ações sociais. Ação seria qualquer conduta humana e ação social seria uma “ação que, quanto a seu sentido visado pelo agente ou os agentes, refere-se ao comportamento de outros, orientando-se por este em seu curso”.²² Já a relação social seria a “conduta de múltiplos agentes que se orientam reciprocamente em conformidade com um conteúdo específico do próprio sentido das suas ações”.²³

Para ele não existe nada na vida social que não seja engendrado pelos homens em suas ações e relações sociais²⁴, vale dizer, a definição weberiana de ação social, dá o primeiro passo para colocar sua principal ênfase sociológica na conduta que o ator subjetivamente orienta para o comportamento de outrem.

Partindo desse objeto, Weber se opôs frontalmente à utilização da metodologia das ciências naturais para a captação do sentido das ações

²¹ WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Tradução de Régis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. 4. ed. Brasília: UnB, 1998. v. 1, p. 3.

²² *Ibidem*, p. 3.

²³ AMORIM, Aluizio Batista de. *Elementos de sociologia do direito em Max Weber*. Florianópolis: Insular, 2001. p. 85-86.

²⁴ *Ibidem*, p. 89.

humanas. Para ele, não é possível explicar as ações sociais numa relação de causas e efeitos como nas ciências naturais; é essencial compreendê-las como fatos cheios de sentido, isto é, como algo que se relaciona com outros fatos e somente em função disso é que pode ser efetivamente compreendido. Ele é defensor do método compreensivo.

“De tudo o que até aqui se disse, resulta que carece de razão de ser um estudo objetivo dos acontecimentos culturais, no sentido em que o fim ideal do trabalho científico deveria consistir numa redução da realidade empírica a certas leis”²⁵. Isso porque o conhecimento de leis não é um conhecimento do socialmente real, mas apenas um meio auxiliar para conhecer o socialmente real; e nenhum conhecimento dos acontecimentos culturais pode ser concebido a não ser pela significação que a realidade da vida possui em determinadas relações singulares.

O método compreensivo, defendido por Weber, consiste em entender o sentido que as ações de um indivíduo contêm e não apenas o aspecto exterior dessas mesmas ações. Segundo ele, a captação desses sentidos contidos nas ações humanas não poderia ser realizada por meio, exclusivamente, dos procedimentos metodológicos das ciências naturais, embora a rigorosa observação dos fatos (como nas ciências naturais) seja essencial para o cientista social. Para Weber, as ciências históricas e da sociedade diferem profundamente das ciências da natureza, entretanto manifestam a mesma inspiração racional.²⁶

Haveria uma oposição entre a explicação, método das ciências naturais e a compreensão, método das ciências sociais. A explicação

²⁵ WEBER, Max. A objetividade do conhecimento nas ciências sociais. In: COHN, Gabriel (Org.). *Max Weber: sociologia*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003. p. 96.

²⁶ AMORIM, Aluízio Batista de. *Elementos de sociologia do direito em Max Weber*. Florianópolis: Insular, 2001. p. 90.

significaria “apreensão da conexão de sentido a que pertence uma ação compreensível de maneira atual”.²⁷ Já compreensão significa

Apreensão interpretativa do sentido ou da conexão de sentido: a) efetivamente visado no caso individual.;b) visado em média e aproximadamente; e c) o sentido ou conexão de sentido a ser construído cientificamente (como ideal-típico) para o tipo puro (tipo ideal) de um fenômeno freqüente.²⁸

Para Weber, os fenômenos da natureza só podem ser apreendidos por meio de proposições de forma e natureza matemáticas. A compreensão dos fenômenos seria apenas mediata, passando obrigatoriamente por conceitos ou relações²⁹. Já os fenômenos sociais são objeto de uma compreensão imediata, baseada nas intenções subjetivas dos agentes.³⁰ Quem compreende é capaz de explicar o fenômeno, sem necessitar de proposições gerais.

O trabalho de Weber só ganhava o seu eixo, “na medida em que tudo era referido ao homem, e ao homem situado na sociedade envolvida na mudança histórica”.³¹ A referencialidade às ações do homem é determinante para o método compreensivo. Todavia, não se trata de uma mera referencialidade aos aspectos exteriores da ação humana, é essencial captar o conteúdo, o sentido das ações humanas impresso pelos sujeitos.

²⁷ WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Tradução de Régis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. 4. ed. Brasília: UnB, 1998. v. 1, p. 6.

²⁸ *Ibidem*, p. 6.

²⁹ AMORIM, Aluizio Batista de. *Elementos de sociologia do direito em Max Weber*. Florianópolis: Insular, 2001. p. 89.

³⁰ VIEIRA, Adriane; CARRIERI, Alexandre de Paula. Max Weber e a questão do método nas ciências sociais. *Economia & Gestão*, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, jul./dez. 2001. p. 9-31.

³¹ JASPERS, Karl. Método e visão do mundo em Weber. In: COHN, Gabriel (Org.). *Sociologia: para ler os clássicos*. Rio de Janeiro: Azougue, 2005. p. 105.

Revista *Universitas Jus*, Brasília, vol. 17, jul./dez. 2008.

Não se pode analisar uma ação social isoladamente; ela deve ser compreendida a partir de seus nexos com outras ações. Weber “apanhava o sentido verificável como aquele visado e produzido por homens reais, nas suas derivações e conseqüências, que sempre e somente são acessíveis ao conhecimento nas suas conexões singulares e de maneira relativa”.³²

Dentro da metodologia weberiana, “o objetivo peculiar à compreensão é sempre captar o sentido de uma atividade ou de uma relação”.³³ Não se trata apenas de explicar um fenômeno, mas sim de captar seu conteúdo fundamental, seu sentido. “O sentido, nesse caso, é o responsável pela unidade do processo de ação e é somente através dele que poderemos apreender os nexos entre os enlaces significativos de um processo particular de ação e reconstituir tal processo numa unidade que não se desfaz numa poeira de atos isolados”.³⁴ Nesse tipo de análise, o motivo é o fundamento da ação e é fundamental para a análise sociológica.

Todavia, há que se ressaltar que “a compreensão nunca é senão um método auxiliar útil; não é, porém, indispensável”³⁵ para a captação do sentido do fenômeno estudado. “A possibilidade de reviver completamente a ação é importante para a evidência da compreensão, mas não é condição absoluta para a interpretação do sentido”.³⁶ Não é preciso ser César para compreender César, vale dizer, o método compreensivo é extremamente útil

³² JASPERS, Karl. Método e visão do mundo em Weber. In: COHN, Gabriel (Org.). *Sociologia: para ler os clássicos*. Rio de Janeiro: Azougue, 2005, p. 105.

³³ FREUND, Julien. *A sociologia de Max Weber*. Tradução de Luís Cláudio de Castro e Costa. Revisão de Paulo Guimarães do Couto. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987. p. 72.

³⁴ AMORIM, Aluizio Batista de. *Elementos de sociologia do direito em Max Weber*. Florianópolis: Insular, 2001. p. 89.

³⁵ FREUND, op. cit., p. 75.

³⁶ WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Tradução de Régis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. 4. ed. Brasília: UnB, 1998, v. 1, p. 4.

para o sociólogo, mas não é fundamental, não é a última palavra da metodologia.

Apesar de conceber a necessidade de métodos distintos, é certo que, para Weber, “toda relação inteligível pela compreensão deve ao mesmo tempo se deixar explicar causalmente”³⁷, isto é, os métodos explicativos e compreensivos são, de certo modo, complementares e não totalmente autônomos. Eles buscam uma combinação entre a explicação e a compreensão, falando em explicação compreensiva ou compreensível, a qual significaria a explicação causal de uma atividade com a concomitante apreensão do sentido visado subjetivamente.

A explicação compreensiva visa à apreensão do sentido causal de um fenômeno, mas não apenas isso visa, sobretudo, à compreensão do fenômeno em relação aos objetos, aos meios e ao fim. Nessa combinação, é que se encontra uma das importantes contribuições metodológicas de Max Weber.

5.2 O sistema de tipos ideais

Como objetivo o das ciências sociais é pensar a realidade social e compreendê-la profundamente, é fundamental lançar mão de mecanismos técnicos que permitam tal análise. Não se pode pensar a realidade social, interpretá-la ou sugerir qualquer alteração a não ser por meio de conceitos. Weber nos adverte que os conceitos não são cópias da realidade, mas são eles que nos permitem ordenar a realidade do pensamento de modo válido.

Os conceitos servem como instrumentos de medida para a realidade. “A realidade é uma tessitura infinita de coisas dotadas de sentido e alheias a

³⁷ FREUND, Julien. *A sociologia de Max Weber*. Tradução de Luís Cláudio de Castro e Costa. Revisão de Paulo Guimarães do Couto. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987. p. 76.

ele”.³⁸ Partindo de tal idéia, Weber estabelece certos conceitos que permitem a análise da realidade social e sua efetiva compreensão. Esses conceitos são os chamados tipos ideais, que “são instrumentos para se chegar à realidade, e não à própria realidade”.³⁹

Weber criou a noção de tipo ideal para permitir uma análise sociológica com conceitos rigorosos, ele é um instrumento de análise da realidade empírica. Ele afirma que “podemos representar e tornar compreensível pragmaticamente a natureza particular dessas relações mediante um tipo ideal”.⁴⁰ Os tipos ideais representam um mecanismo técnico para se proceder à análise da realidade social. Trata-se de um esquema conceitual para permitir o estudo das ações sociais. “O tipo ideal é um conceito de grandes recursos, uma vez que alia o vigor da pesquisa ao rigor científico”.⁴¹

Para se construir um tipo ideal, devem ser acentuados, unilateralmente, certos aspectos do fenômeno a ser observado. Nas palavras de Weber:

Obtém-se um tipo ideal mediante a acentuação unilateral de um ou vários pontos de vista, e mediante o encadeamento de grande quantidade de fenômenos isoladamente dados, difusos e discretos, que se podem dar em maior ou menor número ou mesmo faltar por completo, e que se ordenam segundo os pontos de vista unilateralmente acentuados, a fim de se formar um quadro homogêneo de pensamento.⁴²

³⁸ JASPERS, Karl. Método e visão do mundo em Weber. In: COHN, Gabriel (Org.). *Sociologia: para ler os clássicos*. Rio de Janeiro: Azougue, 2005. p. 115.

³⁹ *Ibidem*, p. 115.

⁴⁰ WEBER, Max. A objetividade do conhecimento nas ciências sociais. In: COHN, Gabriel (Org.). *Max Weber: sociologia*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003. p. 105.

⁴¹ FREUND, Julien. *A sociologia de Max Weber*. Tradução de Luís Cláudio de Castro e Costa. Revisão de Paulo Guimarães do Couto. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987. p. 83.

⁴² WEBER, op. cit., p. 106.

O conceito de tipo ideal corresponde, no pensamento weberiano, a um processo de conceituação que busca em fenômenos concretos o que eles possuem de particular, acentuando certas características, constituindo assim um conceito individualizante em oposição à conceituação generalizadora. Esta, como revela a própria expressão, retira do fenômeno concreto aquilo que ele tem de geral, isto é, as uniformidades e regularidades observadas em diferentes fenômenos constitutivos de uma mesma classe.

O sistema de tipos ideais expõe como se desenvolveria uma forma particular de ação social se o fizesse racionalmente em direção a um fim e se fosse orientada de forma a atingir um e somente um fim. Assim, o tipo ideal não descreveria um curso concreto de ação, mas um desenvolvimento ideal.

Na construção do tipo ideal, são acentuados certos aspectos do fenômeno a ser observado, não coincidindo necessariamente com a realidade concreta. Ele é construído pela “exageração ou acentuação de um ou mais traços, ou pontos de vista, observáveis na realidade”.⁴³ O tipo ideal depura as propriedades dos fenômenos reais, desencarnando-os pela análise, para depois reconstruí-los.

Do conceito weberiano de tipo ideal, pode-se inferir que se trata de um tipo puro que empiricamente não existe. Não se trata de uma cópia da realidade, mas de um recurso que permite a análise dessa realidade. “O tipo ideal é na verdade um recurso heurístico utópico através do qual o cientista ordena uma série de aspectos recorrentes da realidade”.⁴⁴

⁴³ VIEIRA, Adriane; CARRIERI, Alexandre de Paula. Max Weber e a questão do método nas ciências sociais. *Economia & Gestão*, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, jul./dez. 2001. p. 14.

⁴⁴ AMORIM, Aluízio Batista de. *Elementos de sociologia do direito em Max Weber*. Florianópolis: Insular, 2001. p. 75.

Os tipos ideais não esgotam a realidade empírica, vale dizer que qualquer fenômeno permite uma multiplicidade de tipos ideais, dependendo dos elementos focalizados. Não coincidindo com a realidade, os tipos ideais representam apenas um instrumento metodológico para a compreensão das ações sociais.

Embora representem a acentuação de certos aspectos e não coincidam com a realidade, é certo que os tipos ideais devem ser objetivamente possíveis, no sentido de que a realidade concreta se aproxima do tipo puro teoricamente concebido. “É preciso ver os possíveis para captar o real.”⁴⁵ A relação entre o conceito genérico e o fenômeno concreto é de natureza tal que permite classificar cada fenômeno particular de acordo com os traços gerais apresentados pelo mesmo, considerando como acidental tudo o que não se enquadre dentro da generalidade. O que foge dos tipos ideais é interpretado como um desvio.⁴⁶

Além disso, eles devem ser subjetivamente significativos, no sentido de que o tipo de ação social é compreensível em termos de motivação individual. Ao se construir um tipo ideal, deve-se construir algo que possivelmente ocorreria diante de motivações individuais. Algo que jamais decorreria de motivos individuais não pode ser entendido como um tipo ideal.

Exigindo-se para o tipo ideal a possibilidade de existência objetiva e a significação subjetiva, o esquema conceitual do tipo ideal deve ser capaz de fornecer um caso limitativo com o qual os fenômenos concretos possam ser contrastados, deve fornecer um conceito inequívoco que facilite a

⁴⁵ JASPERS, Karl. Método e visão do mundo em Weber. In: COHN, Gabriel (Org.). *Sociologia: para ler os clássicos*. Rio de Janeiro: Azougue, 2005. p. 113.

⁴⁶ WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Tradução de Régis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. 4. ed. Brasília: UnB, 1998. v. 1, p. 5.

classificação e a comparação. Exigem-se tais características para o tipo ideal, pois é “através de comparações e limitação dos possíveis, leva-se ao extremo aquilo que é determinante, em qualquer sentido, para a seqüência dos eventos”.⁴⁷ Comparando-se os fatos concretos com o tipo ideal é que se poderá proceder a uma melhor análise das ações sociais.

Dentro dessa linha de pensamento, o esquema dos tipos ideais permite generalizações que, por sua vez, servem ao objetivo final da análise do tipo ideal: a explicação causal dos acontecimentos históricos. A “história se torna um meio de encontrar a clareza da consciência do real presente e do querer nele, ele procura a apreensão dos eventos passados como outros tantos presentes”.⁴⁸ O recurso à história é fundamental na metodologia de Weber para a análise da realidade social.

Ressalte-se mais uma vez que o tipo ideal não coincide com a realidade concreta e dificilmente existiria na sua forma pura, vale dizer que é muito comum na realidade concreta que vários tipos ideais se combinem. O que o tipo ideal representa é apenas um conceito bem definido que estabelece nitidamente propriedades cuja presença nos fenômenos sociais permite diferenciar um fenômeno de outro. Tal fluidez dos limites entre os tipos ideais é ressaltada pelo próprio Weber, afastando assim uma das críticas feitas à sua metodologia tipológica.

Tome-se o caso das ações sociais. De acordo com o vocabulário weberiano, são quatro os tipos ideais de ação social: ação racional em relação a fins, ação racional em relação a valores, ação afetiva e ação tradicional. Muito raramente, a ação social orienta-se exclusivamente conforme um ou

⁴⁷ JASPERS, Karl. Método e visão do mundo em Weber. In: COHN, Gabriel (Org.). *Sociologia: para ler os clássicos*. Rio de Janeiro: Azougue, 2005. p. 115.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 113.

outro dos quatro tipos. Do mesmo modo, essas formas de orientação não podem ser consideradas como exaustivas. Seriam tipos puramente conceituais, construídos para fins de análise sociológica, jamais se encontrando na realidade em toda a sua pureza; na maior parte dos casos, os quatro tipos de ação encontram-se misturados.

Do mesmo modo, tomem-se os quatro tipos ideais de direito: direito material e irracional, direito material e racional, direito formal e irracional e direito formal e racional.⁴⁹ Esses quatro tipos ideais representam estados no desenvolvimento do direito, que convivem até hoje, mesmo com a prevalência do direito formal e racional na sociedade burguesa.

De qualquer modo, o recurso aos tipos ideais é um instrumento metodológico extremamente interessante para a análise da realidade social. Todavia, é certo que “a construção de tipos ideais não interessa como fim, mas única e exclusivamente como meio do conhecimento”.⁵⁰ Por conseguinte, o tipo ideal não constitui hipótese alguma nem proposição e, assim, não pode ser falso nem verdadeiro, mas válido ou não-válido, de acordo com sua utilidade para a compreensão significativa dos fenômenos estudados.

5.3 A neutralidade axiológica

Dentro das suas concepções metodológicas, Max Weber defendeu uma postura que deveria pautar todos os cientistas sociais, qual seja a neutralidade axiológica. Esta mais não é do que a defesa do não comprometimento do cientista social com valores que possam comprometer

⁴⁹ TREVES, Renato. *Sociologia do direito*. Tradução de Marcelo Branchini. Barueri: Manole, 2004. p. 161.

⁵⁰ WEBER, Max. A objetividade do conhecimento nas ciências sociais. In: COHN, Gabriel (Org.). *Max Weber: sociologia*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003. p. 108.
Revista *Universitas Jus*, Brasília, vol. 17, jul./dez. 2008.

os resultados de suas pesquisas. É a defesa no não envolvimento do cientista em eventos de natureza política e social, com o intuito de evitar a contaminação do conhecimento científico por parte desse tipo de “resíduos”.

A teoria de Weber para as ciências sociais é voltada “para a construção de um método que permita compreender a ação dos homens, extraindo dela a verdade, a qual poderá ou não, convergir com alguma determinada visão de mundo e que, necessariamente, pode ou não coincidir com os valores alimentados pelo investigador”.⁵¹ Ele prega uma separação entre os valores alimentados pelo investigador e suas conclusões na pesquisa científica. Dentro do seu entendimento, seria essencial uma neutralidade axiológica do pesquisador, sob pena de comprometer os resultados da pesquisa.

“A neutralidade valorativa da ciência significa a contenção dos próprios julgamentos para se terem os dados bem claros, tanto em face de fatos desejados como dos desconfortáveis”.⁵² É a neutralidade valorativa que permite uma análise mais correta e menos comprometida da realidade social. Para Weber, quem faz uma análise sociológica “contaminada” por valores, não faz uma análise correta. Esses estudos contaminados não se prestariam para fins científicos. “Somente a distância em relação ao objeto e a si próprio possibilita o questionamento sereno do real.”⁵³

Weber afirma que há uma permanente confusão entre a elucidação científica dos fatos e a reflexão valorativa deles, o que é extremamente prejudicial ao desenvolvimento da ciência. Para evitar tal confusão, ele

⁵¹ AMORIM, Aluizio Batista de. *Elementos de sociologia do direito em Max Weber*. Florianópolis: Insular, 2001. p. 72.

⁵² JASPERS, Karl. Método e visão do mundo em Weber. In: COHN, Gabriel (Org.). *Sociologia: para ler os clássicos*. Rio de Janeiro: Azougue, 2005. p. 117.

⁵³ *Ibidem*, p. 117.

afirma ser fundamental distinguir “em que momento cessa a fala do pesquisador e começa a fala do homem que está sujeito a intenções e a vontades; em que momento os argumentos se dirigem ao intelecto, e em qual se dirigem ao sentimento”.⁵⁴ A separação entre a pesquisa científica e a avaliação valorativa de fatos é um dos imperativos fundamentais da metodologia de Max Weber.

Embora pregue a neutralidade axiológica, é certo que, segundo a própria doutrina de Weber, não poderia existir qualquer análise objetiva “pura” da vida cultural, pois não se consegue independência de certas perspectivas especiais e parciais que já estariam condicionadas no próprio processo de escolha do objeto da pesquisa, em ciências sociais. Sem idéias de valor do investigador, não existiria qualquer tipo de seleção.⁵⁵ Ele afirma expressamente que “não existe qualquer análise científica puramente objetiva da vida cultural”.⁵⁶

“O conhecimento científico-cultural, tal como o entendemos, encontra-se preso, portanto, às premissas subjetivas pelo fato de apenas se ocuparem daqueles elementos da realidade que apresentem alguma relação, por muito indireta que seja, com os acontecimentos a que conferimos significação cultural”.⁵⁷ Por isso, para se chegar a uma ciência da realidade, dever-se-ia levar em conta as conexões e as significações culturais inerentes

⁵⁴ WEBER, Max. *Metodologia das ciências sociais*. Tradução de Augustin Wernet. Introdução à edição brasileira de Maurício Tragtenberg. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999. p. 105.

⁵⁵ TREVES, Renato. *Sociologia do direito*. Tradução de Marcelo Branchini. Barueri: Manole, 2004, p. 164; VIEIRA, Adriane; CARRIERI, Alexandre de Paula. Max Weber e a questão do método nas ciências sociais. *Economia & Gestão*, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, jul./dez. 2001. p. 14.

⁵⁶ WEBER, Max. A objetividade do conhecimento nas ciências sociais. In: COHN, Gabriel (Org.). *Max Weber: sociologia*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003. p. 101.

⁵⁷ *Ibidem*, p. 101.

às manifestações atuais do objeto pesquisado, levando-se em conta também a sua causalidade no seu desenvolvimento histórico.

A "neutralidade" valorativa tem a pretensão de sua independência de "idéias de valor" (valores últimos, supremos), já que o próprio Weber explicitamente sustenta a impossibilidade de qualquer conhecimento na ausência de valores que recortem algum aspecto da realidade, conferindo-lhe interesse para pesquisa. O grande propósito dele é mostrar que é possível alcançar um conhecimento objetivo dentro das ciências sociais, embora o objeto de conhecimento dessas ciências se encontre dentro da esfera de valores.

Nesse ponto, é essencial fazer uma distinção entre "juízos de valor" e "relação com valores". Para Weber, "um julgamento de valor é uma afirmação moral ou vital, enquanto que a relação aos valores é um procedimento de seleção que procura organizar a ciência de forma objetiva".⁵⁸ Dessa forma, Weber diferencia o papel do cientista do papel do homem de ação.

No âmbito pré-científico, é permitido se posicionar frente aos valores como forma de recortar o objeto próprio das ciências da cultura, mas para fazer ciência é preciso afastar-se dos juízos de valor, ou seja, a ciência não poder dizer o que deve ser. "Juízos de valor não deveriam ser extraídos de maneira nenhuma da análise científica, devido ao fato de derivarem, em

⁵⁸ AMORIM, Aluizio Batista de. *Elementos de sociologia do direito em Max Weber*. Florianópolis: Insular, 2001. p. 71.

última instância, de determinados ideais e de por isso, terem origens subjetivas”⁵⁹.

Ao contrário do que afirmam muitos dos seus críticos, é certo que, para Weber, a pregada neutralidade valorativa da ciência não significa um afastamento total de valores, nem a interdição de valorar na vida. Para ele, “a neutralidade valorativa da ciência não está em oposição ao ato de valorar a vida, mas, mais do que isto, é a paixão de valorar e do querer que engendra, como seu próprio esclarecimento e auto-educação, a legítima objetividade da pesquisa”.⁶⁰

Tal contribuição weberiana para a metodologia das ciências sociais é extremamente criticada, porquanto muitos afirmam a inexistência de uma objetividade na ciência moderna. Todavia, é certo que é o próprio Weber reconhece essa impossibilidade.

Não há como fazer ciência, sem que essa prática esteja impregnada pelos valores do pesquisador. O que se deve buscar é uma postura que não comprometa os resultados da pesquisa, com uma postura que faça uma análise totalmente comprometida com valores preconcebidos. Nesse ponto é que reside essa contribuição metodológica de Max Weber.

6 Conclusão

As contribuições de Max Weber para a metodologia em ciências sociais mantêm sua atualidade e seu valor, apesar das inúmeras críticas que

⁵⁹ WEBER, Max. *Metodologia das ciências sociais*. Tradução de Augustin Wernet. Introdução à edição brasileira de Maurício Tragtenberg. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999. p. 109.

⁶⁰ VIEIRA, Adriane; CARRIERI, Alexandre de Paula. Max Weber e a questão do método nas ciências sociais. *Economia & Gestão*, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, jul./dez. 2001. p. 13.

lhes são feitas. Weber enxergou com clareza a distinção entre as ciências sociais e as ciências naturais, sem contudo querer separá-las totalmente. Ele propôs a existência de um método próprio para as ciências sociais que permitisse melhor analisar o seu objeto - as ações sociais.

Para Weber, o objeto da sociologia seria, pois, a captação da relação de sentido das ações sociais. Com esse objeto, é certo que não se poderia usar a metodologia das ciências naturais para a captação do sentido das ações humanas. Para ele não é possível explicar as ações sociais, numa relação de causas e efeitos como nas ciências naturais; é essencial compreendê-las como fato cheio de sentido, isto é, como algo que se relaciona com outros fatos e somente em função disso é que pode ser efetivamente compreendido. Não se pode analisar uma ação social isoladamente; ela deve ser compreendida a partir de seus nexos com outras ações. Esse é o método compreensivo defendido por Weber.

Embora pugne pela existência de um método próprio para as ciências sociais, é certo que Weber não buscava um isolamento total entre os métodos das ciências naturais e ciências sociais; daí ele falar em explicação compreensiva que visa à apreensão do sentido causal de um fenômeno, mas não apenas isso, visa sobretudo à compreensão do fenômeno em relação aos objetos, aos meios e ao fim. Nessa combinação, é que se encontra uma das importantes contribuições metodológicas de Max Weber.

Para se chegar à compreensão almejada, Weber afirma ser fundamental lançar mão de conceitos, que não são cópias da realidade, mas instrumentos de apreensão da realidade empírica. Assim, ele criou o sistema de tipos ideais, pelo qual se busca em fenômenos concretos o que eles possuem de particular, acentuando certas características. Na construção do

tipo ideal, são acentuados certos aspectos do fenômeno a ser observado, não coincidindo necessariamente com a realidade concreta.

Embora representem a acentuação de certos aspectos e não coincidam com a realidade, é certo que os tipos ideais devem ser objetivamente possíveis, no sentido de que a realidade concreta se aproxima do tipo puro teoricamente concebido. Além disso, eles devem ser subjetivamente significativos, no sentido de que o tipo de ação social é compreensível em termos de motivação individual.

Por derradeiro, Weber apresenta como um dos imperativos da pesquisa científica a neutralidade axiológica que deve ser entendida como não comprometimento do cientista social com valores que possam comprometer os resultados de suas pesquisas. Seria a neutralidade valorativa que permitiria uma análise mais correta e menos comprometida da realidade social.

Embora pregue a neutralidade axiológica, é certo que, segundo a própria doutrina de Weber, não poderia existir qualquer análise objetiva “pura” da vida cultural, pois não se consegue independência de certas perspectivas especiais e parciais que já estariam condicionadas no próprio processo de escolha do objeto da pesquisa, em ciências sociais. Ao contrário do que afirmam muitos dos seus críticos, é certo que, para Weber, a pregada neutralidade valorativa da ciência não significa um afastamento total de valores, nem a interdição de valorar na vida.

Não há como fazer ciência sem que essa prática esteja impregnada pelos valores do pesquisador. O que se deve buscar é uma postura que não comprometa os resultados da pesquisa, com uma postura que não faça uma análise totalmente comprometida com valores preconcebidos.

MAX WEBER'S METHODOLOGICAL CONTRIBUTION TO THE SOCIAL SCIENCES RESEARCH

Abstract

Max Weber was one of the main contributors for the adoption of a specific methodology in the social sciences, a methodology involving its particular object –human actions. For such an issue, his contribution is fundamental as he advocates for the use of the comprehensive method for the social sciences through which the aim of the research is not only the explanation of the external aspects of the phenomena previously observed but the comprehension of its deep structure. To reach this comprehension, it is fundamental to adopt an analysis of the reality starting with ideal types which represent conceptual schemes, in which certain aspects of the concrete phenomena are exacerbated, providing for the comparison of more scientific and objective empiric reality. Throughout the analysis, it is important to maintain the author's values apart, the so called axiological neutrality, which must be not understood as a total value blocking, once it is impossible to produce science without the influence of the author's values.

Key-words: Max Weber. Methodology. Social sciences. Comprehensive method. Ideal types. Axiological neutrality.

Referências

AMORIM, Aluizio Batista de. *Elementos de sociologia do direito em Max Weber*. Florianópolis: Insular, 2001.

FREUND, Julien. *A sociologia de Max Weber*. Tradução de Luís Cláudio de Castro e Costa. Revisão de Paulo Guimarães do Couto. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

JASPERS, Karl. Método e visão do mundo em Weber. In: COHN, Gabriel (Org.). *Sociologia: para ler os clássicos*. Rio de Janeiro: Azougue, 2005. p. 105-124.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LOPES, Ana Maria D'Ávila. A hermenêutica jurídica de Gadamer. *Revista de Informação Legislativa*, Brasília, ano 37, n. 145, p. 101-112, jan./mar. 2000.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

_____. Da sociologia da ciência à política científica. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 1, p. 11-56, jun. 1978.

TREVES, Renato. *Sociologia do direito*. Tradução de Marcelo Branchini. Barueri: Manole, 2004.

VIEIRA, Adriane; CARRIERI, Alexandre de Paula. Max Weber e a questão do método nas ciências sociais. *Economia & Gestão*, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 9-31, jul./dez. 2001.

WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Tradução de Régis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. 4. ed. Brasília: UnB, 1998. v. 1.

Revista *Universitas Jus*, Brasília, vol. 17, jul./dez. 2008.

_____. *Metodologia das ciências sociais*. Tradução de Augustin Wernet. Introdução à edição brasileira de Maurício Tragtenberg. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. A objetividade do conhecimento nas ciências sociais. In: COHN, Gabriel (org.). *Max Weber: sociologia*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.